

MOVIMENTO PIXO: A CULTURA DA PIXAÇÃO PAULISTA E SUA INFLUÊNCIA NO TRI-ÂNGULO MINEIRO

Karen Christye Fidelis¹

1. INTRODUÇÃO:

A cultura da pixação é uma ação cercada de mitos e sua documentação ainda é escassa. Essa falta de registros e por sua cultura dispensar a participação e autorização do público não-pixador faz com que se imagine que esses traçados rápidos sejam apenas uma ação impulsiva, de pura rebeldia e sem sentido.

No entanto, a pixação que vemos nas paredes da cidade é apenas um detalhe, por trás dos traços existe um complexo movimento social desconhecido pela maioria da população. Escrita com “x” pelos adeptos dessa cultura, o Movimento Pixo, como é chamado pelos pixadores, consiste na marcação de território, apreciação estética e comunicação interna. É diferente da pichação com “ch”, esta se refere às frases de protesto, escritas com letras legíveis à população, como aconteceu durante a ditadura militar e as revoltas estudantis em Paris, 1968, onde os jovens escreviam frases contra a situação política e educacional da época. (NASCIMENTO, 2012)

Neste artigo será apresentado o Movimento Pixo de São Paulo, seu conceito, características, convenções que regem o movimento e como chegou ao triângulo mineiro, mais especificamente em Uberlândia, onde a cultura da pixação se fortaleceu.

2. PIXAÇÃO COM X: O MOVIMENTO PIXO EM SÃO PAULO

A pixação é uma manifestação caligráfica que acompanha o crescimento das cidades, sendo uma prática muito comum nas metrópoles brasileiras. O Movimento Pixo começou na década de 80 em São Paulo e seu objetivo principal é a marcação de território utilizando o nome ou apelido

¹ UFU - Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Artes Visuais. FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

do dos adeptos, grupos e coletivos (grife) em uma caligrafia característica. Trata-se de uma disputa visual e com isso os pixadores almejam aumentar o seu status pessoal ou de seu grupo dentro do movimento. (OLIVEIRA, 2009)

Mas além dessa competitividade, o pixador também busca diversão e apreciação estética:

Às vezes a gente fala: “olha o ‘puta’ estrago que ‘nóis fez’”. Mas ‘nóis acha’ bonito! Como é que vamos ficar triste com o bagulho? Pra nós fica mais lindo ainda o prédio, sem ‘zuêra’, cara. (...) A pixação acabou se tornando o esporte da periferia, mano. É um lazer... lazer puro pros caras². (DJAN, 2009)

Cada Estado brasileiro, ou área, possui uma caligrafia própria que os adeptos utilizam para criar suas assinaturas. Há um estudo dessas letras, buscando uma originalidade em relação às letras de outros indivíduos. Eles treinam a caligrafia e evoluem os traços para tentar se sobressair aos pixos de outros indivíduos, porém sem extrapolar demais o padrão estilístico da área ao qual pertence. Dentre as várias caligrafias brasileiras, existem quatro que se destacam na originalidade de seu estilo, sendo elas: o pixo carioca de caligrafia curva, traçado contínuo e pequeno tamanho (muito parecido com a tag americana); o pixo de Belo Horizonte, que varia do reto ao curvo e traços descontínuos, pixo goiano, de traços curvos e muito rebuscados e o pixo paulista (chamado também de tag reto) tem o traçado predominantemente reto.

A cidade de São Paulo se tornou um agente verticalizador das letras, ou seja, a escrita da pixação de São Paulo vai seguir as linhas guias da cidade. É como se São Paulo fosse um caderno de caligrafia gigante e os pixadores vão preenchendo esse espaço.

(...) Existe um processo criativo, um processo artístico muito bem elaborado pra o pixador estar criando a marca dele. Quando a pixação de São Paulo surgiu na década de 80, esses jovens eram muito influenciados pela cultura do Heavy Metal, Punk Rock e eles se inspiraram nas logos das bandas de rock. E por sua vez esses logos foram inspirados nas runas anglo-saxônicas de milhares de anos atrás³. (CHOQUE, 2009)

2 Trecho do documentário PIXO. Direção: João Wainer e Roberto T. Oliveira. São Paulo: Sindicato Paralelo, 2009.

3 Idem.

Diferente da pichação (com ‘ch’), que busca uma comunicação aberta à sociedade, a pixação é destinada apenas aos pixadores. Como diz o fotógrafo Choque ao documentário *PIXO* (2009): “A pixação é uma comunicação fechada, é da pixação para a pixação. Ela na verdade não se comunica com a sociedade. Ela é uma agressão, é feita para agredir a sociedade⁴.” Porém, a agressão é uma forma indireta de comunicação com a sociedade. Mesmo não buscando a comunicação com os transeuntes isto acaba sendo também comunicação. Esta é outra ferramenta do pixador: para expressar alguma insatisfação ele usa o pixo para gerar um incômodo.

“Nóis sabe” que o pixo irrita, então usamos como arma também. Se alguém quer me prejudicar, vou lá e pixo a casa do cara. Se o prefeito tá desviando verba do povo, vou lá e pixo a prefeitura, e ainda deixo um recadinho pra ele! Qualquer um que quiser denegrir o movimento, a gente vai lá e pixa, nós não somos esses “zé povinho” que vê as coisas erradas no país e fica de braço cruzado. Nossa guerra é com tinta⁵! (RASTRO’S, 2014)

A influência da cultura do Heavy Metal e Punk Rock nas pixações desenvolveu uma padronização no estilo das letras do pixo paulista, com isso houve uma dificuldade na interpretação para leigos no assunto. Porém contribuiu para o enriquecimento estético da ação, para as disputas visuais entre grupos e a apropriação de uma ferramenta que expressa, com tinta, os incômodos dos adeptos, nascendo então o Movimento Pixo.

2.1. ORGANIZAÇÃO SIMBÓLICA

Para deixar as marcas nas ruas, os pixadores contam com alguns símbolos que permitem a identificação dos indivíduos, seus grupos, grifes, em que ano o pixo foi feito e se houveram mais pixadores envolvidos na ação.

O grupo é representado pelo Pixo em si, o letreiro, formado por dois ou mais pixadores. Nos grupos não existe líder, porém existe um dono (como eles preferem chamar) que é o sujeito que criou ou o pixador mais antigo do grupo. Para assinar o letreiro, primeiro é necessário pedir permissão ao dono e este passará um esboço para que o novo integrante treine até decorar os padrões antes de começar a pizar. O pixador que assina o letreiro de algum grupo sem autorização do

4 Idem.

5 Depoimento de um dos integrantes do grupo de pichação Rastro’s à autora.

dono é chamado de *dublê* ou clone e não terá suas pixações respeitadas no Movimento⁶. (ESCSOFRÊNICOS, 2013)

Tag ou assinatura é a marca individual que o pixador escreve ao lado do letreiro de seu grupo. Pode ser nome, apelido ou a letra inicial. Ela serve para identificar o autor do pixo.

A grife é representada por um tipo de brasão, que acompanha os letreiros de grupos. Enquanto um grupo tem vários indivíduos, uma grife possui vários grupos. Para entrar na grife e assinar seu símbolo, também é necessário a autorização do dono da grife.

A grife, como o próprio nome sugere, é uma espécie de etiqueta, um acessório que valoriza o pixo. Trata-se de uma modalidade de aliança de grupos de pixadores, por isso não se pixa seu nome por extenso, mas o seu símbolo ao lado da pixação principal. (...) Fazer parte de uma possibilita expandir as relações de troca pela cidade, constituindo, assim, uma rede de grupos de pixadores. (PEREIRA, 2010)

O ano serve para acompanhar o tempo de preservação do pixo. Na maioria das vezes os pixadores saem juntos para pixar, chamado “rolê”. O fazem lado a lado e na mesma “régua⁷”. Para identificar que foram feitos no mesmo rolê, os pixadores adotam um ícone de continuidade como setas, traços ou pontos servindo para separar pixos e grifes. (PAWER, 2013)

Através desses símbolos o pixador se comunica com os outros pixadores, dizendo que passou por tal lugar, que pertence a tal grupo, tais grifes e se estava ou não sozinho no rolê. Ele pode deixar também mensagens legíveis aos pixadores e não-pixadores, como:

“De dia”, para dizer que pixou de dia, “z/n” para dizer que o cara pertence à zona norte da cidade, “salve” seguido de um nome pra fazer homenagem pra alguém. Também tem as frases que expressam o que eles sentiram no rolê: “meninos aranha” (mostrar que fez escalada), “quase rodei” (polícia quase pegou), “a tinta acabou”, bagulho de louco ou 1000⁰⁰” pra dizer que estava cheio de adrenalina ou mesmo frases inteiras, passando uma mensagem⁸. (RASTRO’S, 2014)

6 Depoimento do pixador paulista Escsofrênicos à autora.

7 Segundo depoimento do pixador Pawer do grupo Nóis Num Presta (São Paulo), “estar na régua” significa que o pixo deve ser escrito horizontalmente reto, como se houvesse uma pauta ou uma régua invisível no muro.

8 Depoimento conseguido em conversa com três pixadores do grupo Rastro’s que preferem se identificar apenas pela unidade do grupo à autora.

Essa comunicação simbólica mostra o envolvimento do indivíduo na cultura. Quanto mais ele demonstra sua capacidade de pixar em lugares de difícil acesso, ou em muitos lugares, mais respeito ele conquista e mais pixadores reconhecerão seus símbolos.

2.2. ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A pixação possui um sistema de organização social, que segundo o pixador Paver do grupo Nóis Num Presta (de São Paulo), serve para fortalecer o movimento e o grupo que o pixador faz parte, evitando e evasões e confrontos⁹. Para sua manutenção, o movimento conta com regras, níveis e grupos. E assim foi criado o Point, que consiste em reuniões periódicas de pixadores para tratar da parte política da pixação, solucionar problemas de rivalidade, espaços na cidade, criação de regras e também para manter os grupos interligados ao movimento. Nestas reuniões é possível encontrar os donos de grupos e grifes para pedir autorizações. O point é também um ponto de encontro entre amigos que se relacionam de alguma forma com a pixação.

O Movimento Pixo possui o que parece ser a principal regra de comportamento, que liga todas as outras regras, é a “regra da humildade”.

Certeza, humildade é a principal regra. Ninguém é melhor que ninguém. Tem cara que às vezes tem pouco rolê (poucos pixos pela cidade) e fica se achando. Muitos desprezam algumas pessoas por causa de grife e essas coisas não tem cabimento. As ruas tem espaço para todos, não precisa passar por cima de ninguém para ocupar seu espaço. Temos que mostrar que somos bons nos muros, nas ruas, mas continuo na minha postura e sempre na humildade, mano. Só assim pra chegar lá, né meu ‘parça’¹⁰? (MESTRES, 2014)

Ligado a isso tem a “regra do respeito”: devem-se respeitar os pixadores mais antigos e os pixos na rua feitos por outros pixadores reconhecidos dentro do movimento. Segundo o grupo Rastro’s de São Paulo (grupo formado em 1990 e ativo até o momento), os pixadores mais antigos, chamados “lenda” ou simplesmente “da véia” (aqueles que começaram a pixar nos anos 80 ou início dos anos 90), tem seus pixos antigos preservados por serem consideradas relíquias da pixação. Enquanto suas produções estiverem visíveis devem ser respeitadas, independente se o

9 Depoimento do pixador paulista Paver

10 Depoimento do pixador paulista A. do grupo Mestres à autora.

pixador estiver ativo ou não. Para as pixações mais recentes, quanto mais o pixador é reconhecido no movimento mais seus pixos serão respeitados.

Para conquistar esse respeito, o pixador que não é “da véia” precisa buscar o reconhecimento dentro do movimento, e para isso são necessárias as seguintes exigências:

O cara tem que ter o letreiro “na base¹¹” e fazer “na régua”, porque não adianta nada fazer tudo torto, esfumaçado e feio. No pixo tem que ser bem feito pra ficar bonito, o povão pensa que não, mas “nóis aqui é organizado”, pixo não é bagunça! O cara tem que treinar e pixar muito pra deixar de ser bafo e começar a ser respeitado. (PAWER, 2014)

Bafo é o pixador iniciante, facilmente reconhecível pelas assinaturas tortas. Para deixar de ser bafo, é necessário passar por alguns níveis de reconhecimento: quanto mais ele avança um nível, mais ele será respeitado. Depois de conversar com membros da grife Os Mais Imundos¹² (a mais popular de São Paulo), pude reconhecer esses níveis, que são nesta ordem: dominar a caligrafia, ser aceito em um grupo, dominar o letreiro do grupo (escrever na base e na régua), comparecer aos points para estabelecer vínculos cordiais com outros adeptos do movimento, espalhar a assinatura de seu grupo em mais lugares o possível (fazer em prédios ou escalar arquiteturas altas é melhor, pois será mais visto), ser aceito em uma grife (de preferência grifes famosas). O último nível, talvez o mais difícil, é permanecer ativo por muitos anos ou conseguir ter suas assinaturas preservadas para também poder se tornar uma lenda da pixação.

3. A PIXAÇÃO CHEGA AO TRIÂNGULO MINEIRO

A pixação expandiu-se para o Triângulo Mineiro, em Minas Gerais, onde vemos assinaturas em algumas cidades próximas, como: Uberaba, Araguari e Uberlândia. São pixadores de diversos lugares que passaram brevemente pela região, deixando ali suas caligrafias.

Já vi a preza do Gnomo de Goiânia, uns caras de Brasília e uns pixos de Belo Horizonte aqui em Uberlândia. Mas vi muito pixo de São Paulo, é o que mais tem. Teve um que colou com o Ópio, teve o Art-Saga e o Nóis que veio colar com o Rastro's, vi vários dele na BR (estrada que liga o interior de SP com o triângulo mineiro)¹³. (RUPESTRES, 2014)

11 Saber distribuir bem as letras uniformemente no suporte escolhido.

12 Em conversa com os pixadores pixadores A., Rastro's, Bob e Lca, pertencentes à grife Os Mais Imundos à autora.

13 Depoimento do pixador Fake do grupo Rupestres à autora.

A proximidade entre São Paulo e o triângulo mineiro favoreceu para que a maior parte das pixações na região tenha sido de pixadores paulistas. Estes marcaram isoladamente as cidades de Uberaba e Araguari, porém foi em Uberlândia que as pixações se intensificaram.

Eu já passei por Araxá, Patos de Minas e Monte Carmelo (outras cidades do triângulo mineiro), mas não tem nada por lá, nem tag. Trabalhei em Araguari e lá vi alguns tags e uns dois ou três pixos paulistas, mas só! Em Uberaba tem muita tag, mas vou falar a verdade: Pixo mesmo, só os meus. Vixe, deixei vários por lá! (RASTRO'S, 2014)

Pixações de visitantes aparecem isoladamente em Araguari e Uberaba, mas não configuram a cultura da pixação, pois não desenvolveu adeptos locais. Contudo, Uberlândia foi a cidade mais visitada pelos pixadores, talvez por ser a maior cidade da região; hospedando os primeiros pixadores de outras cidades e influenciando alguns uberlandenses à prática do Pixo.

3.1. UBERLÂNDIA NA CENA DO MOVIMENTO PIXO

A caligrafia deixada por pixadores visitantes serviram de influência no desenvolvimento do pixo uberlandense. Os pixadores que se instalaram na cidade também contribuíram para o desenvolvimento de uma caligrafia característica, que se apresenta com certa curvatura, como no pixo belo-horizontino, porém a estrutura das letras é reta, com no pixo paulista. A organização simbólica e social da cultura é idêntica ao Movimento Pixo paulistano, adotando até as mesmas nomenclaturas. Isso se deve ao fato de que o primeiro pixador a buscar a união e organização dos pixadores uberlandenses é integrante do movimento paulistano, sendo ele um dos integrantes do grupo Rastro's, da grife Os Mais Imundos, atualmente vivendo em Uberlândia.

Comecei a pixar Uberlândia em 2012. Mas antes de mim já existia o Ópio, que também é paulistano e assina aqui desde 2010. Só que ele sempre foi muito reservado, que nem o Syder, que pixa aqui desde 2014 e é o único pixador belo-horizontino que mora aqui. Sempre fizeram o rolê “na deles” e ficava por isso. Mas quando vimos brotar uma molecada assinando na rua tudo torto e atropelando, resolvemos que era hora botar ordem na “bagaça”. Alguns me conheciam pessoalmente, outros pelo pixo, mas todos adoravam o pixo paulista. Então foi fácil começar o movimento. Tem que ver como tá bonito agora, todo mundo unido e o movimento tá saudável. (RASTRO'S, 2014)

Assim como o Movimento Pixo paulistano, o Pixo uberlandense também possui grupos, grifes e point. As regras são praticamente as mesmas e o point acontece uma vez ao mês. No total o movimento de Uberlândia tem hoje duas grifes locais, sete grupos e dezessete pixadores.

4. CONCLUSÃO

A pixação é uma cultura que tem como produto final a escrita grafada nas paredes das grandes cidades. Desenvolvido em São Paulo, o Movimento Pixo possui organização social e simbólica que promove disputas visuais no cenário urbano e interligações entre grupos de pixadores. A multiplicação das assinaturas do pixador demonstra coragem, tática e domínio dos espaços urbanos, gerando o reconhecimento de seus símbolos entre outros adeptos. Isso promove a aceitação do indivíduo e maior ascensão social na cultura.

Esta busca por expansão das pixações fez com que caligrafias de muitas áreas chegassem ao Triângulo Mineiro, especificamente em Uberlândia, onde se concentram o maior número de pixos. Porém foi a pixação paulista, em toda sua estrutura social e simbólica, que teve maior influência sobre os pixadores uberlandenses. Por ser a maior cidade da região, alguns pixadores paulistas se fixaram na cidade, como Ópio e Rastro's e contribuíram ativamente para o desenvolvimento do Movimento Pixo de Uberlândia, que começou ao final de 2013.

Atualmente o movimento conta com a participação ativa dos pixadores paulistas Ópio e Rastro's, o pixador belo-horizontino Syder, o surgimento de oito grupos: Vultos, Ruídos, Rupestres, Adrenalina, Vestígios, Zumbis e Raptors, duas grifes: Pirata Sul e Ilimitados, pixadores individuais: Susto, Ácido, Maximiliano e Azar; que somam cerca de 16 pixadores reconhecidos. Apesar da opressão policial muito maior do que nas grandes cidades, a cada ano aumenta-se sutilmente o número de pixações e adeptos na cidade de Uberlândia.

Referências:

NASCIMENTO, Luiz Henrique Pereira. **Pixação: Arte acima do muro**. 2012. 19 f. Monografia. Faculdade de Filosofia, Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, Campinas, 2012.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 79, p. 143-162, 2010.